

UMA SEÇÃO ESPECIAL PARA MENORES: O PAVILHÃO-ESCOLA BOURNEVILLE E A INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS COM EPILEPSIA NO RIO DE JANEIRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Aluno: Roberto Cesar Silva de Azevedo
Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução:

Este relatório anual para o Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio em colaboração com o CNPq, tem como objeto as atividades realizadas no último ano, sendo esta minha segunda apresentação no Seminário. O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa *Em defesa da sociedade? Epilepsia e propensão ao crime no pensamento médico brasileiro. 1897-1957*, coordenado pela professora Margarida de Souza Neves, e desenvolvido no Departamento de História da PUC-Rio. O trabalho aqui apresentado reúne conclusões preliminares de atividades desenvolvidas há um ano e meio, mas que ainda não apresenta resultados plenamente consolidados.

O sub-tema que desenvolvo, na condição de colaborador, investiga as relações entre o poder da polícia e o saber médico na detenção, identificação e recolhimento de crianças com epilepsia, tidas como potencialmente perigosas. No Distrito Federal dos primeiros anos do século XX, as que, nos termos da época, eram chamadas de *creanças desvalidas* eram recolhidas em vários estabelecimentos correcionais ou de assistência, sendo o Hospício Nacional dos Alienados e, neste, o Pavilhão-Escola Bourneville, o responsável por aquelas que necessitavam de cuidados psiquiátricos. O objetivo central do trabalho é compreender como, ao internar as *creanças anormaes* em geral, e crianças com epilepsia em particular, o saber médico, interligado a outros saberes, promovia o controle e a ordenação do espaço urbano, ao mesmo tempo em que pretendia reprimir a criminalidade.

Relatório técnico:

A equipe do projeto de pesquisa *Em defesa da sociedade? Epilepsia e propensão ao crime no pensamento médico brasileiro. 1897-1957* é formada pela coordenadora, a professora Margarida de Souza Neves; pela professora Heloisa Serzedello; pelo *webdesigner* do site da pesquisa (www.historiaecultura.pro.br), Clóvis Gorgonio; e cinco alunos da graduação do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A participação dos graduandos no projeto de pesquisa pressupõe dedicação tanto ao sub-tema por ele escolhido, incluído no projeto como um todo, quanto ao objeto comum a todos os pesquisadores. As atividades em grupo, assim como as individuais, incluem o estudo de bibliografia relacionada ao tema da pesquisa, ou seja, dentro da área de história da ciência no Brasil em geral e da história da epilepsia em específico. Os resultados parciais desse trabalho são apresentados à equipe em formato de seminários realizados nas reuniões semanais. Temos a atribuição, ainda, de prover o *site* da pesquisa, já mencionado, de material analisado. A atualização pressupõe postagem da agenda da equipe, adição datas relevantes à cronologia e de biografias de médicos que sejam importantes para a história da medicina e da epilepsia no Brasil e no mundo, e resenhas a respeito de livros, filmes ou peças de teatro que sejam exemplo de preconceitos e representações a respeito da epilepsia. A participação e audiência em palestras, congressos, mesas-redondas sempre que forem de interesse ao tema da pesquisa tem também grande importância dentre as tarefas a serem realizadas.

Atividades realizadas em grupo pela equipe:

- Participação no 8º Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONIC-SEMESP), realizado na cidade de Botucatu-SP, nos dias 16 e 17 de novembro de 2008.
- Participação no III Seminário de História das Doenças, realizado na Faculdade de Medicina da UFRJ entre os dias 03 e 05 de dezembro de 2008.
- Participação no do 11º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia realizado no campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense, entre os dias 26 e 29 de outubro de 2008. Entre as atividades frequentadas pelos integrantes do projeto

destacam-se o mini-curso "Sociedade civil e ciências do Império à República: um diálogo entre Antônio Gramsci e a história das ciências no Brasil", proposto pelo professor Nilton de Almeida Araújo; o simpósio temático "A popularização da ciência no século XIX"; o simpósio temático "Memória, saúde e sociedade"; o simpósio temático "Instituições e nação no Brasil".

– Participação na 3ª semana de História organizada pelos alunos de graduação do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, realizada entre os dias 1º e 5 de setembro de 2008.

– Participação no XXV Simpósio Nacional de História, realizado no Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará entre os dias 12 e 17 de julho de 2009.

As atividades individuais dizem respeito àquilo que foi feito por cada bolsista, seja relacionado ao seu sub-tema, seja para o trabalho da equipe em comum. São elas:

– Audiência na conferência “L’Histoire, representation du passé et mesure du temps”, proferida pelo historiador francês Roger Chartier em 22 de julho de 2009, no ciclo *A França volta ao Petit Trianon*, realizado na Academia Brasileira de Letras.

– Audiência na qualificação da dissertação de mestrado “Assistência à saúde infantil no Brasil (1940-1945)” de Helber F. de Medeiros, aluno do Programa de Pós-Graduação e História da Universidade Salgado de Oliveira, realizado no dia 1º de julho de 2009.

– Para o *site* da pesquisa (www.historiaecultura.pro.br):

- Foi feita uma resenha a respeito do filme: *Reflexos da inocência*, do diretor Baillie Walsh, lançado no ano de 2008.
- Foi escrita uma resenha a respeito do livro: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary* (tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1971).
- Foi feita uma análise da letra da música *Enxugando Gelo*, do rapper B. Negão.

– Os seguintes textos bibliográficos foram fichados:

- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e Gesto: Pessoa, cós e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.
- DANTES, Maria Amélia M. “Reflexões sobre os caminhos da historiografia das ciências no Brasil”. IN: PIETROCOLA, Maurício e FREIRE JR, Olival (orgs). *Filosofia, Ciência e História: uma homenagem aos 40 anos de colaboração de Michael Paty com o Brasil*. São Paulo: Ed. Discurso, 2005.
- ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). *História da Mulheres no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978, 2ª edição.
- LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.
- MALDOANDO, Arthur da Silva. *Alguns aspectos da história da criminologia em Portugal*. s/d.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui. “Liturgia Higienista no Século XIX”. IN: *Revista de História da Idéias*. Vol.15. Universidade de Coimbra, 1993.
- PORTO, Ângela (org.). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.
- SHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. Ed.Nacional: São Paulo; FINEP: Rio de Janeiro, 1979.
- WADSWORTH, James E. “Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil”. IN: *Revista Brasileira de História*. vol.19 n.37 São Paulo Set. 1999
- VIANNA, Adriana Rezende Barreto. *O mal que se adivinha: polícia e minoridade no Rio de Janeiro. 1910-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

– Os seguintes documentos foram analisados:

A dimensão empírica da pesquisa abrange um número variado de atores e instituições. Trabalhamos, por enquanto, uma pequena parte das fontes documentais que se apresentam numerosas, e pretendemos, com base nelas, descrever e interpretar, através do estudo de ofícios, prontuários, leis, e outros documentos, as falas dos agentes sociais que ocupam lugares estratégicos do ponto de vista decisório, e que se constituem em saberes e poderes sobre a infância no início do século XX.

Nessa fase de levantamento documental, concentramos atenção na análise dos prontuários nos quais os discursos sobre a minoridade passível de medidas tomadas pelo saber psiquiátrico são apresentados de uma maneira diversa do que pode ser encontrado nos textos que tratam do tema sob um ponto de vista estritamente teórico e que tem por objetivo produzir um sistema interpretativo que ofereça inteligibilidade para a experiência de

controle de menores. Nos prontuários, este discurso aparece operacionalizado pelo corpo médico-administrativo da instituição em sua forma prática de análise, interpretação e controle das crianças consideradas *anormaes*, além de estar atrelado a casos individuais e singulares que exemplificam a experiência cotidiana através da aplicação deste discurso a situações específicas.

Nessa perspectiva, os prontuários disponíveis para consulta relativos ao Pavilhão de Observações se constituíram como uma fonte que sintetiza o aspecto multifacetado das formas de percepção, interpretação, identificação, classificação, tratamento e controle dessas crianças no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX.

O decreto Nº 1553 de 7 de outubro de 1893 criou o Pavilhão de Observações Clínicas do Hospital Nacional de Alienados, com o objetivo de acomodar os indigentes suspeitos de alienação mental¹. Todos os que chegavam ao Hospício Nacional de Alienados passavam por uma triagem que era efetuada por este pavilhão. Os registros médicos gerados durante o período em que os pacientes lá permaneciam se encontram preservados na Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho, vinculada ao Instituto de Psiquiatria (IPUB) da UFRJ. Todo esse acervo se encontra encadernado ou, segundo nos informa a responsável pelo acervo, Cátia Mathias², reencadernado, à partir do ano de 2005, pelo Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI). Contudo, há muito trabalho a ser feito e parte do material, que conta com aproximadamente 600 livros que abarcam um período que vai de 1896 a 1950, sofre com a deterioração.

O primeiro diagnóstico era feito no Pavilhão de Observações Clínicas. Os que chegavam ao anexo, em geral trazidos das ruas pela polícia, eram avaliados por até 15 dias antes de serem transferidos definitivamente para o hospício. Se o quadro de alienação fosse comprovado, ocorria a transferência. Se não, eles recebiam alta. A partir da Lei de Assistência aos Alienados do ano de 1903, as observações clínicas (prontuários) feitas pelos médicos durante este período passaram a ser confeccionadas nos *Livros de*

¹ O mesmo decreto também ampliou o número de médicos no hospício e incluía os cargos de oftalmologista e diretor sanitário, cf. VENÂNCIO, Ana Teresa A. “Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. vol.10 no.3 Rio de Janeiro Set./Dez. 2003

² Uma pequena entrevista com a bibliotecária pode ser encontrada em MUNIZ, Camilla. “Preservando memórias”. In: *Olhar Virtual*. Edição 245 de 14 de abril de 2009. disponível em http://www.olharvirtual.ufrj.br/2006/index.php?id_edicao=245&codigo=1, último acesso em 22 julho de 2009.

Observações Clínicas, cumprindo assim o objetivo de formalizar o registro dos pacientes³. O primeiro dos 32 livros por nós levantados até o momento data do ano de 1903⁴, nele não há definição de “Diagnóstico” nem fotografias. Com o avançar dos anos, os livros passam a reunir prontuários mais detalhados. Do ano de 1905 encontramos documentação com fotografias e os prontuários de 1909, de primeira internação e de reincidência, apresentam a seguinte estrutura:

– Ficha de primeira internação:

Primeira página - “nome”, “idade”, “estado” civil, “cor”, “n” da ficha, “profissão”, “entrada” data de entrada, “nacionalidade”. Esses primeiros itens numa espécie de cabeçalho. Na linha imediatamente abaixo se encontra o item “diagnóstico”; abaixo há a o espaço para a fotografia, de dimensão a ser apurada. Em seguida há uma tabela com os “dados antropométricos”; a verificação do “peso por ocasião das entradas” e do “peso por ocasião da saída”. Em seguida a seção “observação” que se subdivide em “observação geral”.

A segunda página segue com “exame da motilidade”, “exame da sensibilidade”, “exame de reflexo”, “aparelho digestivo”, “aparelho circulatório”, “aparelho respiratório”, “aparelho genito-urinário”. Logo abaixo encontramos a “análise de urina”, subdividida em “exame físico” (“quantidade em 24hs”, “cor”, “aspecto”, “consistência”, “reação” e “densidade”) e “exame químico” (“elementos normais” e “elementos anormais”).

Terceira página – “exame microscópico”, “comemorativos da família”, “comemorativos pessoais e de moléstia”.

Quarta página – “resenha”, “forma do crânio”, “marca da moléstia e tratamento” e “saída”.

– Ficha de reincidência:

Primeira página – O cabeçalho não difere do acima citado, seguido de espaço para a fotografia; “dados antropométricos” (tabela); seção “observação”, onde temos as indicações de em qual livro estão as impressões da(s) vez(es) anterior(es) que o indivíduo havia sido internado: “a ... entrada” e “deu-se a ... em ... de ... de 19...”.

³ Cf. CHENIAUX, Monica da Rocha Oliveira. *Discurso e Prática Psiquiátrica no Rio de Janeiro (1896-1906): um estudo dos prontuários do Pavilhão de Observações do Hospício Nacional*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

⁴ Livro 45 *Observações Clínicas: dez 1902 a 18 de abril de 1903*. Não há definição de “Diagnóstico” nem fotografias.

Segunda página – “teve então o diagnóstico”, “forma da cabeça”, “tratamento” e “saída”.

Constituindo-se como um serviço gratuito de avaliação preliminar e triagem dos pacientes que se apresentavam, ou eram apresentados, para serem internados e por estar também vinculado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o pavilhão servia, nesse sentido, de base para os estudos psiquiátricos desenvolvidos na Academia, o que acarretava, muitas vezes, o prolongamento da estadia do paciente. Se o caso interessasse às aulas de Psiquiatria, o diretor do anexo, que também era professor da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Mentais, tinha autoridade para manter a internação pelo tempo que fosse necessário. Notamos nesse sentido que Pavilhão de Observações tinha a dupla tarefa de estabelecer a triagem dos suspeitos de alienação e promover a formação dos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Esse material se mostrou muito significativo para nosso propósito, pois forneceu subsídios para uma parcial verificação de hipóteses como a de que a convicção sobre a existência de grupos propensos ao crime servia de argumento legitimador para ações preventivas de defesa da sociedade. Assim, ao excluir do convívio social as crianças consideradas potencialmente anti-sociais, as instituições asilares ao mesmo tempo em que salvaguardariam a sociedade por uma ação preventiva, imprimiriam àquelas crianças estigmas criminais em função da doença que tinham, sendo esta última confirmada ou não.

O caso do menino Mário Rodrigues, de 10 anos, é particularmente significativo. Branco, diagnosticado no Livro de Observações clínicas Nº 123, que cobre o período de 18 de junho a 27 de julho de 1910, como *não alienado*, dá entrada no pavilhão no dia 16 de julho de 1910. Segundo a seção *Inspeção Geral* de seu prontuário, o menino *apresenta-se calmo. Tem cicatrizes pela testa e apresenta estigmas de varíola. Em Comemorativos da família, com informações supostamente fornecidas pelo próprio Mário*⁵, ficamos sabendo que *a mãe ainda é viva e não é casada. Conta que esta lhe batia muito e que o primo o matriculou na Escola Correccional 15 de Novembro porque era muito traquinas.* Nos

⁵ No livro *Intenção e Gesto: Pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002, Olívia Maria Gomes da Cunha destaca que os detidos sob acusação de vadiagem no Rio de Janeiro do início do século XX (objeto de seu estudo), não raro, tinham as informações por eles fornecidas alteradas pelos funcionários responsáveis pelos procedimentos identificatórios.

Comemorativos pessoais da moléstia conta que na Escola 15 de Novembro *tinha o apelido de Maluco* e que isto foi o suficiente para que o enviassem para o Pavilhão de Observações. O texto em terceira pessoa avança na anamnese informando que o menino

*não sabe, se quando pequeno sofria ataques, como supõe a ficha policial, nem tampouco sabe explicar como foram feitas as feridas que deram as cicatrizes, que a guia de internação chama de estigmas epiléticos. Aqui tem passado bem, não teve ainda ataques de espécie alguma nem cometeu até agora desatino que possam justificar a sua reclusão neste estabelecimento. A memória está regular, tem noção de lugar, [...] mas sem noção de tempo. Conta que na Escola era muito safado, não agüentava que outro lhe dissesse qualquer pilhéria; na defensiva sempre foi forte e distribuía logo pancadas. Já teve varíola. É de baixo nível intelectual.*⁶

Quinze dias depois de dar entrada no pavilhão e de ser medicado com *cápsulas anti-epiléticas*, Mário é liberado. É dia 30 de julho e nada que justificasse sua internação é identificado, ele *não tivera ataques*. Contudo a experiência deixa marcas no seu corpo. O menino, que entrara pesando 35,5Kg, desce os degraus que conduzem à porta principal do prédio⁷ 20 % mais magro, pesando 28,7kg.

A seção de periódicos da Biblioteca Nacional foi de grande valia para uma noção mais ampla acerca dos reflexos, na imprensa cotidiana, do que corria entre os muros do Hospício Nacional de Alienados. Nela tivemos acesso aos periódicos microfilmados, revista *Kosmos*, *Jornal do Comércio*, *A Notícia*, *Jornal do Brasil*, entre outros, que lançaram novas luzes sobre o objeto.

A rede mundial de computadores também se apresentou como um farto manancial de fontes e referências. Dentre os acervos digitais mais acessados por nós, destacamos o *Center for Research Libraries*, site que disponibiliza, entre outros, fundos contendo os relatórios anuais do Ministério de Justiça e Negócios Interiores, o qual o hospício era subordinado. Outro fundo de grande utilidade foi o do site do Senado Federal, no qual estão disponíveis documentação sobre a legislação de assistência à alienados e outras de interesse para esse trabalho.

⁶ *Livro de Observações clínicas N° 123*, grifo do autor.

⁷ Uma fotografia de 1896 onde vemos a fachada do Pavilhão de Observações (atual posto de vigilância do Campus da Praia Vermelha), bem como a da casa de Teixeira Brandão (atual Pavilhão Maurício de Medeiros), pode ser encontrada em TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. “A psiquiatria e a universidade no Brasil: a contribuição de João Carlos Teixeira Brandão no seu nascimento”. In: *Psychiatry on line Brasil*. Novembro de 2008, Vol. 13, N° 11. Disponível em <http://www.polbr.med.br/ano08/wal1108.php>, último acesso em 20 de julho de 2009.

A documentação que mais diretamente nos interessa, sobre o Pavilhão-Escola Bourneville já foi localizada. Está sob responsabilidade do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira e nossa solicitação para consultá-lo está, no momento, sendo submetida à avaliação do comitê de ética do Sistema Nacional de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos. A documentação do Pavilhão-Escola Bourneville constitui a principal fonte de nosso estudo. Consideramos que sua análise nos permitirá sintetizar o aspecto multifacetado das formas de percepção, interpretação, identificação, classificação, tratamento e controle das crianças tidas como alienadas no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX.

Relatório substantivo

Um grito *violento* ressoa na noite clara, a cidade parece deserta. Numa *melopéa arrastada*, o mar *vozeava* na Praia da Saudade de um jeito *rouco e lamentoso*. Em resposta ao primeiro, outro grito, dessa vez *medonho, de fera, horripilante*. A luz do luar era *fantástica*, derramava-se nas *calçadas como uma toalha de neve luminosa*. Logo se sucederam outros gritos retalhando o ar. Assustados, *correndo, com os cabelos eriçados, e com a alma cheia de horror*, cinco rapazes, sentindo decrescer atrás deles o clamor dos loucos, se afastam da *Casa de Sofrimento*.

Aquela noite iniciara *em torno de uma mesa de restaurante*, na qual os sonhos e anseios, concernentes à *idade dos convivas*, eram ditos *em prosa e verso*. Era uma noite de *maluquice romântica*, como, não raro, eram as noites dos jovens embevecidos pela boemia carioca no ocaso do século XIX, e o grupo de rapazes, após a ceia, entabulara, sob o embalo do romantismo característico dos dezoito anos, uma *conversa desvairada*. Ao saírem do restaurante, ainda com as almas agitadas, o grupo resolveu seguir a sugestão do *mais exaltado: como seria belo, agora, um passeio à praia da Saudade! Oh! Ver o hospício, sob este luar...* E assim seguiram *a pé*, sob o testemunho do *luar divino*, empenhados em saciar a sede por *peregrinações*, aguçada pelos *Cantos de Childe Harold*, do poeta inglês Lord Byron⁸.

⁸ *Childe Harold's Pilgrimage*, ou a *Peregrinação de Childe Harold* é um dos principais trabalhos de Byron. A obra, composta de quatro cantos escritos entre 1811 e 1818, narra as andanças, os amores e os desencantos de um herói que peregrina por regiões da Europa, como a Península Ibérica, Albânia e Grécia, as quais tem sua natureza minuciosamente descrita. Byron influenciou a obra de muitos artistas e literatos mundo afora e, no

Foi na região entre os morros da Babilônia e do Pasmado que, *àquela hora mansa da noite*, o *grito sacrílego* de um dos boêmios encontrou respostas vindas de dentro daquele prédio *branco e sinistro*. Esse esdrúxulo diálogo, o qual, de um lado, um grupo de jovens embalados pelo *excesso de romantismo*, de outro, a *triste casa, povoada de sonhos alucinados*, marcou a primeira vez em que Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, um dos cinco rapazes, se aproximou do Hospício Nacional dos Alienados⁹.

É através de um artigo publicado em 1905¹⁰ que Olavo Bilac descreve suas impressões sobre as mudanças sofridas pela instituição através dos anos. Nos informa que o *horror e a dolorosa angústia* compartilhada com seus companheiros de juventude em busca de *aventuras longas e terríveis* voltou a se repetir invariavelmente em outras visitas em *diferentes épocas*.

Convém, entretanto, destacar que a situação do hospício não era a única a suscitar críticas dos homens públicos da época. Em publicação de 1886, referente ao Asilo de Mendicidade, o já renomado lente da cadeira de clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Teixeira Brandão, primeiro médico-psiquiatra a dirigir o Hospício Pedro II de 1886 a 1897¹¹, expõe sua repugnância pela *empestada atmosfera do asilo*¹². Assim como nas lembranças do poeta acerca do hospício, a pena do médico recorre à imagem do dissonante coral de gritos para descrever o heterogêneo grupo de internos do asilo, no qual se incluíam alienados:

No meio de toda dessa confusão de indivíduos [...] misturam-se, como se fora uma ironia da sorte, os brados da alegria insana com os gemidos dos que sofrem, a gargalhada alvar do idiota com os soluços plangentes do velho abandonado, os

Brasil, influenciou os escritos de Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, entre outros. Cf. VARELA, Fagundes. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Edições Skiper, s/d.

⁹ O episódio relatado pelo poeta, considerando a idade enunciada e sua data de nascimento (1965), ocorreu aproximadamente na primeira metade da década de 1880, época na qual a instituição ainda se chamava Hospício de Pedro II. O Decreto 142-A de 11 de janeiro de 1890, além de desanexá-la do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, define seu novo nome, Hospício Nacional de Alienados.

¹⁰ BILAC, Olavo. "No Hospício Nacional". IN: *Kosmos Revista Artística, Científica e Litteraria*. Rio de Janeiro, ano 2, fevereiro de 1905.

¹¹ Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Historia da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980. P.22.

¹² Com a finalidade de regulamentar o Asilo de Mendicidade, o Decreto nº 9274 de 6 de setembro de 1884, portanto, coetâneo ao primeiro contato de Bilac com o hospício, define no quarto parágrafo de seu primeiro artigo, que receberá em suas dependências *os idiotas, imbecis e alienados que não forem recebidos no Hospício de Pedro II*. Encontramos assim, um indicio de que o hospício tinha limitações no que se refere à sua capacidade de suprir as demandas de internação.

*gritos da criança, prenúncios do alvorecer da vida, com os suspiros arquejantes daqueles que vão dela*¹³.

A relação entre insanidade e um comportamento que se manifesta numa desordenada mistura de manifestações que vai do choro ao grito, do canto ao riso também pode ser encontrada em obras literárias, entendidas aqui como dimensão representativa da situação social que as determinam¹⁴. Em *O Quinze*, romance que descreve os efeitos da seca ocorrida no ano de 1915 sobre a população rural do Ceará, Rachel de Queiroz produz a seguinte imagem em um momento no qual um de seus personagens faz uma da viagem de trem:

*Dez minutos mais, e o Asilo de Alienados mostrou, num claro, entre mangueiras, a fachada branca da capela. Dona Inácia ouviu vagamente, misturados ao barulho das rodas e ao resfolegar da máquina, dois ou três gritos agudos e um fragmento de canção*¹⁵.

No soneto *A louca*, o poeta Augusto dos Anjos, notabilizado por incluir e resemantizar o vocabulário científico em sua obra¹⁶, descreve assim o comportamento da *moça morta em vida*: *E hoje, para guardar a mágoa oculta,/ Canta, soluça - coração saudoso,/ Chora, gargalha, a desgraçada estulta*¹⁷. O próprio Olavo Bilac em uma das suas mais destacadas poesias, *Via Láctea*, define: *Que é dos loucos somente e dos amantes/ Na maior alegria andar chorando*¹⁸.

Lima Barreto constrói uma imagem distinta acerca do que considerava a *idéia popular da loucura*. Talvez pela proximidade com a experiência da loucura, já que passou parte de sua juventude na Ponta do Galeão, na Ilha do Governador, área das Colônias de Alienados São Bento e Conde de Mesquita, nas quais seu pai, João Henriques, trabalhou como almoxarife. Além disso, em 1902 João apresenta os primeiros sinais da loucura que o acompanharia até o fim de sua vida. O próprio romancista chegou a ser internado por duas vezes no Hospício Nacional dos Alienados, por motivo de alcoolismo. Nesse sentido, mesmo que compreendesse o prédio tal qual *uma sepultura em vida*, Barreto não

¹³ BRANDÃO, Teixeira. *Os alienados do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1886. P.84.

¹⁴ Cf. LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

¹⁵ QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987. P.103.

¹⁶ PINTO, Ubiratan Machado. “Sobre a catarse de Augusto dos Anjos”. IN: *Nau Literária. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre. Vol. 03, nº2, jun/dez 2007.

¹⁷ Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/augus.html>, último acesso em 12/02/2009.

¹⁸ IN: ALVES, Afonso Telles. *Antologia de poetas brasileiros*. São Paulo: Ed. Logos, 1960.P.107.

relacionava a alienação mental com a confusão de emoções, ao contrário, todo o *horror da loucura* era descrito como fenômenos *perfeitamente naturais*:

Só o nome da casa metia medo. O hospício! [...] Com que terror, uma espécie de pavor de coisa sobrenatural, espanto de inimigo invisível e onipresente, não ouvia a gente pobre referir-se ao estabelecimento da Praia das Saudades. Entrava-se, viam-se uns homens calmos, pensativos, meditabundos, como monges em recolhimento e prece. De resto, com aquela entrada silenciosa, clara e respeitável, perdia-se logo a idéia popular da loucura; o escarcéu, os trejeitos, as fúrias, o entrechoque de tolices ditas aqui e ali. Não havia nada disso; era uma calma, um silêncio, uma ordem perfeitamente naturais¹⁹.

De acordo com Bilac²⁰, artigos alarmantes da imprensa motivaram-no, já como renomado literato e cronista da revista *Kosmos*, a *percorrer a Casa de Loucura* outras vezes. Nessas oportunidades deparava-se com um cenário no qual *tudo respirava miséria e abandono*. Retornava sempre dessas inspeções tal como voltasse *de uma visita ao inferno*, e expunha as impressões do que encontrava:

A casa era suja e sombria; as enfermarias acanhadas e escuras; os loucos dormiam, ao acaso, atirados pelo chão; as roupas eram velhas e esfarrapadas; a comida era péssima; e o tratamento médico, se já não era o mesmo que o grande Pinel, em 1792, foi encontrar praticado nos hospícios franceses, era ainda uma bárbara e retrógrada mistura de inépcia e brutalidade: quarto forte, duchas e camisa de força.²¹

Alguns jornais da época publicavam artigos que não apenas alarmavam o poeta, mas também coincidiam com as suas descrições. Na edição de 02 de fevereiro de 1902, o *Jornal do Commercio* publicava uma grande reportagem na qual denunciava a persistência do *lamentável estado a que foi reduzido o Hospício Nacional de Alienados*. A reportagem destaca o agravamento dos *estragos materiais* observado com o tempo. Entretanto, o foco central da reportagem não é o aspecto material do hospício. O destaque é dado para um episódio específico: o desfalque efetuado por Oscar Adolfo da Costa Braga, ex-almoxarife do estabelecimento.

¹⁹ Cf. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Klick Editora, 1997. P.58. Para uma biografia de Lima Barreto ver BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora/INL-MEC, 1975.

²⁰ *Op. cit.*

²¹ Artigo não paginado.

Segundo a denúncia, o desfalque era *conseqüência da má administração* do Dr. Dias Carneiro, então diretor do hospício²². Carneiro era descrito como um homem fragilizado e incapaz de exercer uma *fiscalização devida* sob as atividades administrativas. *Bonomia natural, idade avançada, padecimentos físicos e confiança quase cega* em seus subordinados compunham o perfil do diretor, que, *afadigado com o peso dos seus 30 anos de serviço*, facilmente *abdicava de si mesmo e de suas responsabilidades em favor alheio*. A vulnerabilidade apresentada por Carneiro permitiu que, aos poucos, o almoxarife se tornasse o diretor *de fato* do serviço administrativo²³: *Ele se entendia diretamente com os fornecedores; nomeava e demitia empregados; recebia e despachava os inspetores do serviço do hospício; em suma, [...] Oscar Braga era o alter ego do Dr. Dias Carneiro*.

A facilidade em *captar a confiança do diretor* resultava do *тино* de Costa Braga, além do fato de ser ele filho de *um antigo conhecido* de Carneiro. Quanto ao desfalque, este foi descoberto por obra do *acaso*:

*Tendo que prestar informações ao Sr. Ministro do Interior acerca do produto dos alugueis dos prédios do hospício, [Carneiro] pediu essas notas ao almoxarife, e como ele não lhe as prestasse com a prontidão necessária, foi ao cofre, para verificar pessoalmente, tendo então a surpresa de encontrar os invólucros violados e quase vazios*²⁴.

Contudo, mesmo comprovado o desfalque, o *funcionário delinqüente* não foi punido. Considerado *irresponsável* devido a uma *perturbação mental* que o acometia, Costa Braga foi afastado do cargo e sua família conseguiu ressarcir a *importância total do dinheiro subtraído*. A reportagem não levanta dúvidas acerca da *insanidade* do ex-almoxarife, chegando, inclusive, a descrever um insólito episódio.

Assim que o desfalque veio à tona, Costa Braga foi recolhido à Repartição Central da Polícia. Em uma das noites de cárcere, após um dia de forte calor, o ex-almoxarife,

²² Pedro Dias Carneiro esteve à testa do Hospício Nacional de Alienados de 1897 a 1902; cf. MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. *A primeira escola especial para crianças anormais no Distrito Federal – O Pavilhão Bourneville do Hospício Nacional dos Alienados (1903-1920): Uma leitura foucaultiana*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. (Dissertação de Mestrado). P.69.

²³ Oscar Adolpho da Costa Braga foi nomeado para o cargo no dia 03 de abril de 1899. Cf. Relatório no MINISTRO DA JUSTICA E NEGOCIOS INTERIORES 1899 E 1900, p. 289. Documento apresentado ao Presidente da República pelo Ministro Epitácio Pessoa em março de 1900, disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd>, último acesso em 22 de julho de 2009.

²⁴ *Jornal do Commercio*, 02 de fevereiro de 1902. O regulamento do Hospício Nacional de Alienados, definido pelo decreto Nº. 3.244 de 29 de março de 1889 determinava em seu art.30, cláusula VIII, a apresentação anual das ocorrências técnicas e administrativas do estabelecimento ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

aproveitando que os agentes que deveriam vigiá-lo, bem como aos demais detidos, *dormiam a sono solto*, seguiu em direção à rua, *tomou um tálburi que passava* e ordenou *calmamente* ao cocheiro que seguisse para sua casa, localizada na rua da Piedade, no bairro de Botafogo. Com grande *espanto* foi recebido pela família e tratou de explicar-se, dizendo que ali estava com o intuito apenas de se banhar e tomar um café.

Após satisfazer suas vontades, tomou outro tálburi *mandando que o cocheiro seguisse para a Central*. Interceptado por agentes que a essa hora já haviam dado pela sua falta no cárcere, foi reconduzido à Repartição Central da Polícia sob a acusação de ser um fugitivo. Nada fazia com que os agentes acreditassem no retorno voluntário de Costa Braga à sua cela. Segundo a versão da equipe aos seus superiores, ao determinar que o cocheiro seguisse para a Central, o ex-almoxarife se referia à Estação Central da Estrada de Ferro, na qual embarcaria num trem para *fugir da ação da polícia*. Por fim, e não avançando na controvérsia, o periódico considera que esse episódio *é bem expressivo para provar qual o estado de espírito do ex-almoxarife*²⁵.

Após a descrição do serviço administrativo, que andava *ao Deus dará*, a reportagem parte para a denúncia do estado de *abandono* em que se encontrava o serviço médico-sanitário. Obsolescência dos métodos e teorias aplicadas no tratamento dos enfermos ali internados; estagnação das pesquisas científicas; mau funcionamento do serviço de farmácia; falta de camas e enxoval para os internos, são os itens citados pela reportagem. A ressalva é feita para o Pavilhão de Observação, que desfruta de situação *incomparavelmente melhor* devida, principalmente, ao número *limitado* de internos e à capacitação dos que ali trabalham. Em todo o resto, o *desleixo* e a *decadência* eram tidos como claros e manifestos.

A situação era assim descrita pelo periódico:

[...] *os assoalhos luzidios, os metais reluzentes dão por toda parte uma impressão de asseio. Tal impressão, porém, é superficial, pois, de quando em quando, ao passar por um quarto forte, se sente o cheiro nauseabundo da latrina colocada ao nível do assoalho. O pessoal da casa replica ao visitante mal impressionado que ninguém sabe o que é lidar com doidos. De certo, cuidar de alienados não é coisa fácil; o enfermeiro de loucos precisa ser dotado de grande paciência; gente sem*

²⁵ Costa Braga foi demitido no dia 27 de janeiro de 1902, sendo na mesma data nomeado Euzébio de Queiroz Mattoso Maia para a vaga de almoxarife. Cf. Relatório no MINISTRO DA JUSTICA E NEGOCIOS INTERIORES 1901 E 1902, p. 197. Documento apresentado ao Presidente da República pelo Ministro Sabino Barroso Junior em março de 1902, disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd>, último acesso em 22 de julho de 2009.

*razão é gente sem regra. Mas o que não padece dúvida é que o serviço ininterrupto de bem entendida vigilância, a fiscalização constante e esclarecida pode criar um regime salutar para esses infelizes que são, por assim dizer, os mortos da vida, merecedores, por isso mesmo, do nosso carinho e nossa dedicação*²⁶.

O conjunto desses problemas era encarado pelo periódico como produto da *incompetência do Estado*. Contudo, é provável que o jornal referia-se especificamente à instância político administrativa do Distrito Federal, uma vez que adiante cita São Paulo como *prova brilhante* de como é possível oferecer um serviço psiquiátrico que *nada fica a dever ao que a Europa tem de melhor no gênero*. Já o Rio de Janeiro tinha não um hospital ou um hospício, mas *pura e simplesmente uma casa de detenção*.

*A sorte dos infelizes privados da razão é a mais deplorável; tudo lhes falta. Mas o governo da República não pode assistir impassível a ruína daquele instrumento de caridade e de ciência. Urge providenciar para que voltemos a ter o que tínhamos há doze anos apenas*²⁷.

Não é apenas o *Jornal do Commercio* que destaca a urgente necessidade de melhoramentos para o Hospício Nacional de Alienados. No mesmo período, a *Gazeta de Notícias*²⁸ se convence de que esses melhoramentos devem ser *radicais* e *inadiáveis*. Destacando também o desfalque provocado pelo almoxarife, responsabiliza a cúpula administrativa do hospício. Seu diretor, Dias Carneiro, é definido pelo periódico, que ressalva seu caráter honorável e *bem intencionado*, como *homem fraco, cansado e sem espírito de iniciativa* e, conseqüentemente, incapaz de empreender as reformas que a *instituição está exigindo*.

O artigo reconhece as *dificuldades do momento* no que se refere à liberação de verbas para a adoção de *progressos* que coloque o Hospício de Alienados *em pé de igualdade com as melhores instituições similares dos países cultos*. Contudo adverte que *para tudo nesse mundo há um limite* e que ao negligenciar essas demandas, estaria o governo incorrendo em um *verdadeiro crime social*. No dia seguinte, o jornal *A Notícia*, em conformidade com os outros já citados, conclui a necessidade de se sanar os males do

²⁶ *Jornal do Commercio, op. cit.*

²⁷ *Idem*. Não é objetivo desse trabalho analisar a imprensa cotidiana, contudo, cabe aqui notar que ao considerar o estado apresentado pelo Hospício Nacional de Alienados como sendo as ruínas do que se tinha *há doze anos*, o *Jornal do Commercio* sugere ou sua simpatia com o período no qual a instituição ainda era subordinada à Santa Casa de Misericórdia, ou ainda, e contraditoriamente, tomando como lastro o aspecto religioso, com o período da administração do anticlerical Teixeira Brandão.

²⁸ *Jornal do Commercio* 13 de fevereiro de 1902.

hospício *pela raiz*²⁹ através de *uma reforma radical*, sendo necessário, referindo-se ao caso do almoxarife, inclusive, *abrir um inquérito que apurasse a responsabilidade dos delinqüentes*.

Se artigos como esses provocaram alarme em leitores como Olavo Bilac, reação diferente não parece ter provocado em José Joaquim Seabra, então chefe do Ministério de Justiça e Negócios Interiores, o qual o Hospício Nacional de Alienados era subordinado³⁰. Em 12 de julho de 1902, Dias Carneiro é destituído do cargo de diretor do hospital, sendo substituído por Antônio Dias de Barros. No final deste ano, Seabra determina a criação de uma Comissão de Inquérito visando à inspeção das condições *da assistência a alienados no Hospício Nacional, devendo o inquérito abranger não só a parte técnica, mas também administrativa*. Além disso, a Comissão, composta pelo farmacêutico Francisco Manuel da Silva Araújo e pelos médicos Antônio Maria Teixeira, Egídio de Salles Guerra e Carlos Fernandes Eiras, deveria requisitar ao *Diretor do estabelecimento as providências e os esclarecimentos que dele dependerem e forem de mister para o bom desempenho dos trabalhos*, caso a solução escapasse à competência daquele funcionário, deveria, então, a Comissão dirigir-se ao ministério. Por fim, os levantamentos da sindicância indicariam *ao Governo os pontos merecedores de reparo e as medidas que, respectivamente, convenha tomar*³¹.

²⁹ *A Notícia*, 14 de fevereiro de 1902. Apud MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. *A primeira escola especial para crianças anormais no Distrito Federal – O Pavilhão Bourneville do Hospício Nacional dos Alienados (1903-1920): Uma leitura foucaultiana*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. (Dissertação de Mestrado), 1998, p.72.

³⁰ Baiano de intensa vida pública, com cinco mandatos de deputado federal (1891 a 1893; 1897 a 1889; 1900 a 1902; 1909 a 1911; 1933 a 1937); uma vez vereador (1926); duas vezes governador da Bahia (1912 a 1916; 1920 a 1924); uma vez senador (1917 a 1920); professor da Faculdade de Direito do Recife nos últimos anos do Império; Ministro da Justiça e Negócios Interiores (1902 a 1906); Ministro da Viação e Obras Públicas (1910 a 1912); Ministro das Relações Exteriores – interino – (1902). Em 1922 foi candidato a vice-presidente na chapa *Reação Republicana*, encabeçada por Nilo Peçanha, derrotada por Arthur Bernardes. A praticamente ininterrupta presença de Seabra nas instâncias de poder – hiatos se deram em três momentos por motivo de exílio: em 1891 e 1893, quando se opôs ao governo de Floriano Peixoto, chegando a exigir seu *impeachment*; em 1926, durante o estado de sítio, no governo Arthur Bernardes – chegou a se tornar alvo de críticas e ironias. É na seção humorística *Pingos e Respingos* do jornal *Correio da Manhã* que podemos encontrar a seguinte quadrinha: “*sai o cobre do tesouro/ (e ao sair não volta mais)/ sai do povo a pele, o couro/ só tu, Seabra, não sais*”, cf. Edmundo, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Semente, 1986, p.406. Para um panorama da trajetória política de Seabra, ver ALMEIDA, Maria do Carmo Baltar Esnaty de. *A Vitória da Renascença Bahiana: a ocupação do distrito e sua arquitetura na Primeira República*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia, 1997. (mimeo).

³¹ Ministério da Justiça e Negócios Interiores – Diretoria do Interior – 1ª seção, de 16 de dezembro de 1902. Em 22 de janeiro de 1903 o inquérito as ações da comissão são estendidas às colônias de alienados da Ilha do Governador.

Dentre os comunicados enviados pela comissão ao ministro, um deles³², aponta para as condições das crianças internadas³³. Os relatores consideraram *revoltante* o estado de *promiscuidade*, no qual se encontravam adultos e crianças, estando, inclusive, alguns *em completo estado de nudez*. O ofício cobra um tratamento adequado para estes *pequenos infelizes*. Como solução para aquele *ajuntamento vergonhoso*, tão *ofensivo à moral e deprimente aos costumes*, a Comissão indicou a remoção das crianças para um pavilhão existente anexo à lavanderia. Sua reforma não despenderia de muitos recursos e se efetuariam rapidamente.

Convém destacar, entretanto, que a situação das crianças já havia sido denunciada em outras oportunidades. Em artigo em que denuncia as irregularidades da administração de Dias Carneiro³⁴, o *Jornal do Comércio* apontava que as *crianças loucas andam juntamente com adultos*. Administrações anteriores, queixando-se de restrições orçamentárias, reconheceram essa situação. O mesmo Dias Carneiro afirma que a *promiscuidade*³⁵ *não pode deixar de existir, a vista de absoluta ausência de pátios internos no prédio*. Mais adiante pergunta, em tom de desabafo: *onde colocá-las [...] se não temos um pavilhão separado para elas [...]?* *Seria melhor enclausurá-las em um quarto, do que deixa-las passear livremente?*³⁶ Substituindo Dias Carneiro no *pesado encargo* de dirigir o hospício³⁷, Antônio Dias Barros, mesmo contando com exíguos recursos financeiros

³² Informe encaminhado pela comissão ao ministro J. J. Seabra em 27 de dezembro de 1902. O ofício é transcrito no Relatório do Ministro da Justiça e Negócios Interiores apresentado ao presidente da República em abril de 1903.

³³ A imprensa cotidiana seguia destacando as condições de salubridade da instituição. No jornal *A Tribuna* de 09 de fevereiro de 1903 encontramos uma denúncia acerca de criação de porcos naquelas instalações.

³⁴ *Jornal do Commercio*, op cit.

³⁵ A acepção de *promiscuidade* usada é a que indica mistura desordenada e confusa, sem a conotação sexual correntemente utilizada nos dias de hoje.

³⁶ Relatório do Hospício Nacional de Alienados, 1902, apud MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. *A primeira escola especial para crianças anormais no Distrito Federal – O Pavilhão Bourneville do Hospício Nacional dos Alienados (1903-1920): Uma leitura foucaultiana*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. (Dissertação de Mestrado), 1998, p.75.

³⁷ No Relatório do Hospício Nacional de Alienados de 05 de março de 1903 é clara a resignação com a impossibilidade de se efetuar grandes mudanças na instituição: “Aceitei, porém, tal e tão pesado encargo apenas alentando pela idéia de cumprimento de um alto dever cívico, a qual me não pude furtar e por ter em mente o conceito evangélico relativo às recompensas reservadas aos homens de boa vontade”. Cf. MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. *A primeira escola especial para crianças anormais no Distrito Federal – O Pavilhão Bourneville do Hospício Nacional dos Alienados (1903-1920): Uma leitura foucaultiana*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. (Dissertação de Mestrado), 1998, p. 73-74.

estabelece entre os melhoramentos prioritários a adaptação do pavilhão anexo à lavanderia para alojamento das crianças, o que se efetiva em sua curta gestão³⁸.

É a partir desses levantamentos preliminares que pretendemos compreender as condições internas do Hospício Nacional dos Alienados anteriores ao Pavilhão-Escola Bourneville. Reconhecemos a instituição como um espaço de relações não harmônicas que demanda um corpo cientificamente especializado de administradores. Para uma melhor compreensão, esse momento será entendido, a partir da contribuição de Pierre Bourdieu³⁹, como um campo, ou sistema ou ainda um espaço estruturado de posições. Ele é um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam posições diversificadas. As lutas se dão em torno da apropriação de um capital específico do campo (o monopólio do capital específico legítimo) e da redefinição daquele capital. Essa noção nos é importante uma vez que propõe pensar a conflitividade intrínseca ao processo de construção e institucionalização de saberes e competências.

Mais adiante em nossa pesquisa focaremos o tratamento asilar para as crianças. Compreendemos o Pavilhão-escola Bourneville como espaço especializado no tratamento de crianças com problemas mentais e como laboratório de iniciativas inovadoras de educação para crianças especiais e de terapias lúdicas a partir dos preceitos teóricos e pedagógicos do médico francês Desiré-Magloire Bourneville. Para uma análise teórica acerca dos processos de controle e tratamento das crianças asiladas utilizaremos a contribuição foucaultiana para tentar descrever e interpretar, através do estudo de ofícios, prontuários, leis, e outros documentos, as falas dos agentes sociais que ocupam lugares estratégicos do ponto de vista decisório, e que se constituem em saberes e poderes⁴⁰ sobre a infância no início do século XX.

Por fim pretendemos traçar biografias de algumas crianças submetidas aos poderes e saberes dos psiquiatras. Nessa perspectiva, que os prontuários disponíveis para consulta relativos ao Pavilhão de Observações, bem como o arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira oferece material do Pavilhão-escola Bourneville, se

³⁸ Idem.

³⁹ BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1989. ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu : sociologia*. 2ª ed. - São Paulo: Ática, 1994.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*, Maria Ermantina Galvão (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2000; _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 1996; _____. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1968

constituem como uma fonte histórica que permite sintetizar o aspecto multifacetado das formas de percepção, interpretação, identificação, classificação, tratamento e controle dessas crianças.